



AgEcon SEARCH

RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

No endorsement of AgEcon Search or its fundraising activities by the author(s) of the following work or their employer(s) is intended or implied.



**PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LIGADAS AO
AGRONEGÓCIO PARA O COREDE NOROESTE COLONIAL DO RIO GRANDE
DO SUL**

**ARGEMIRO LUÍS BRUM; DILSON TRENNEPOHL; TANIA MARQUES
TYBUSCH;**

UNIJUI

IJUI - RS - BRASIL

argelbrum@unijui.edu.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Evolução e estrutura da agropecuária no Brasil

**PROPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LIGADAS AO
AGRONEGÓCIO PARA O COREDE NOROESTE COLONIAL DO RIO GRANDE
DO SUL**

Grupo de Pesquisa: Evolução e estrutura da agropecuária no Brasil.

Resumo

O presente trabalho teve como tema central detectar alternativas de desenvolvimento para o agronegócio da região Corede Noroeste Colonial, região esta que compreende 32 municípios, e foi desenvolvido no âmbito do edital Procoredes II com apoio financeiro da FAPERGS. A execução do mesmo se deu sobre a base de uma linha teórica, agregando-se pesquisas bibliográficas e de campo entre os agentes econômicos do agronegócio regional. A partir disso, o trabalho conta com cinco etapas. A primeira trata da trajetória e perspectivas de desenvolvimento da Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, destacando o processo de povoamento, os impactos de sua modernização agropecuária e a dinâmica populacional que ali se cristalizou. A segunda recupera os estudos realizados pelo próprio Corede Noroeste Colonial e outros trabalhos afins, visando identificar os planos e programas construídos na Região Sul do país e as estratégias de ação apontadas para o setor primário e o agronegócio da região estudada. A terceira parte demonstra o modelo teórico utilizado, o qual se origina da teoria da base de exportação do economista estadunidense Douglass North. A quarta parte a partir do modelo teórico recupera as atividades agropecuárias regionais e suas viabilidades. Através do mesmo dá-se ênfase às atividades que o agronegócio do Noroeste Colonial deve concentrar esforços visando gerar um processo de desenvolvimento de longo prazo. Neste

**SOBER**XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural

sentido, foram identificadas as bases exportadoras primárias e secundárias, as atividades subsidiárias, alternativas e por fim as complementares. Por fim, a título de considerações finais e recomendações, este trabalho indica caminhos para o desenvolvimento do agronegócio do Noroeste Colonial, apontando também novos elementos de estudo que precisariam ainda ser pesquisados a título de complementação das propostas aqui expostas.

Palavras-chaves: agronegócio, desenvolvimento, estratégia

Abstract

This work was to focus detect alternatives for the development of agribusiness in the region Corede Colonial Northwest, a region which comprises 32 municipalities, and has been developed under the edict Procoredes II with financial support of FAPERGS. The implementation of the same happened on the basis of a theoretical line, adding up bibliographic searches and field among economic actors of regional agribusiness. From there, the work has five steps. The first deals with the trajectory and prospects of development of Colonial Northwest Region of Rio Grande do Sul, highlighting the process of settlement, the impacts of its modernising agriculture and population dynamics that there is crystallized. The second retrieves the studies by itself Corede Northwest Colonial and other related work, to identify the plans and programmes built in the Southern Region of the country and the strategies of action given to the primary sector and agribusiness in the region studied. The third part shows the theoretical model used, which was originated the theory of the export base of estadunidense economist Douglass North. The fourth part from the theoretical model, retrieves the regional agricultural activities and their viabilidades. By the same there is an emphasis on activity that the agribusiness Northwest Colonial should concentrate efforts to generate a process of developing long term. In this sense, the bases were identified exporting primary and secondary, activities subsidiaries, alternatives and finally as complementary. Finally, as a final consideration and recommendations, this work suggests ways for the development of agribusiness Northwest Colonial, pointing also new elements of study that still need to be searched for complementation of the proposals here.

Key Words: agribusiness, development, strategies

1 Trajetória e perspectivas de desenvolvimento da região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul

A temática do desenvolvimento regional tem merecido a atenção de pessoas e instituições em busca de melhor compreensão de seus fenômenos e da elaboração de propostas de intervenção na sua dinâmica. Nas universidades foram criados programas de ensino (mestrados e doutorados), pesquisa e extensão com o objetivo de aprofundar os estudos sobre o tema e qualificar profissionais para atuarem nos diversos espaços regionais. Os governos elaboraram diagnósticos sobre as diversidades regionais e definiram políticas direcionadas a enfrentar a problemática identificada.

No Rio Grande do Sul tais preocupações estão presentes há muito tempo e intensificaram-se no final do século XX. Frutos desse debate foram criados pelo Governo Estadual, em 1991, os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) com o objetivo de descentralizar o planejamento e as decisões estratégicas relativas ao desenvolvimento de



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



cada região. Com o direito e a responsabilidade de definir a alocação de uma parcela dos investimentos previstos no Orçamento do Governo do Estado, os COREDES (num total de vinte e quatro) foram desafiados a construir uma identidade regional, elaborar diagnósticos sócio-econômicos, estabelecer diretrizes de desenvolvimento e propor programas e projetos cuja implementação pudesse contribuir para alcançar os objetivos e as metas traçadas.

O foco deste trabalho, o Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial iniciou suas atividades em março de 1991, constituído por três Associações de Municípios (Planalto Médio, Celeiro e Grande Santa Rosa). Considerando suas especificidades, em junho do mesmo ano, as lideranças da Região da Grande Santa Rosa decidiram pela criação de um outro conselho, o COREDE Fronteira Noroeste. Ao longo daquele ano foram estruturados os demais COREDES do Estado.

Dessa forma foi definida a Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul que é composta por 32 municípios¹, abrangendo uma área de 9.911,3 km² e possuindo, em 2004, uma população total de 306.086. Está situada no Noroeste do Estado, confrontando-se ao Norte com o extremo Oeste de Santa Catarina e o Nordeste da Argentina, através do Rio Uruguai, ao Oeste com as Regiões Fronteira Noroeste e Missões, ao Sul com a Região Central e ao Leste com as Regiões do Alto Jacuí, da Produção e do Médio Alto Uruguai.

Na organização do Conselho foi importante a experiência de ação conjunta realizada com base em estratégias, planos e ações dos municípios integrados. O Conselho não deveria substituir as instâncias existentes, mas dedicar-se às questões estratégicas da Região, explicitando sua vocação, definindo investimentos prioritários, promovendo a articulação política e técnica com o Governo Estadual, através do debate permanente na busca do consenso possível.

1.1 O processo de povoamento

O Noroeste gaúcho foi o último espaço a ser ocupado com a população que define suas características atuais. Foram vários os caminhos utilizados no processo de ocupação e povoamento, os quais produziram suas marcas num conjunto nem sempre harmônico.

Inicialmente a Região era ocupada por índios de diversos grupos étnicos, aos quais foram atribuídas diferentes denominações (tapes, charruas, guaranis, kaygangs etc.). A primeira influência européia ocorreu através dos Jesuítas espanhóis, cuja presença teria iniciado por volta de 1626 (LAZZAROTTO, 1986). Um segundo processo de ocupação do espaço regional ocorre pelo Nordeste, através da penetração dos tropeiros, bandeirantes e outros aventureiros, em busca de escravos e de mulas para o trabalho. Um terceiro caminho de ocupação e povoamento da região foi aberto desde o Sul, através do rio Jacuí, por volta de 1750, numa tentativa do governo provincial de assentar casais de imigrantes açorianos em terras missioneiras. O quarto caminho retoma a estratégia do anterior, cerca de 100 anos depois. Um novo contexto político e econômico representado pela Abolição da Escravatura (1888) e pela Proclamação da República (1989) possibilitou a remoção dos entraves burocráticos e a criação de mecanismos legais (Serviço de Terras e Colonização) e logísticos

¹ São eles: Ajuricaba, Augusto Pestana, Barra do Guarita, Bom Progresso, Bozano, Braga, Campo Novo, Catuípe, Chiapeta, Condor, Coronel Barros, Coronel Bicaco, Crissiumal, Derrubadas, Esperança do Sul, Humaitá, Ijuí, Inhacorá, Jóia, Miraguai, Nova Ramada, Panambi, Pejuçara, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, São Valério do Sul, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos, e Vista Gaúcha.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



(linha férrea até Cruz Alta, em 1894) de apoio à colonização do Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul.

O processo de ocupação e povoamento da região estendeu-se, portanto, até meados do século XX através de um fluxo contínuo de migrantes em busca de terras na última fronteira agrícola do Estado. A presença dos colonos imigrantes europeus e de seus descendentes tornou-se hegemônica, em detrimento dos povos nativos (índios e caboclos) excluídos do processo de apropriação privada das terras e empurrados para as últimas reservas de terras públicas ou para fora da região e do Estado (ZARTH, 1997). A tal ponto que o estrato da população rural, em 1920, representava 93,6% da população total caindo para 37,5% em 2000 (cf. dados do IBGE).

Configura-se assim um quadro social bastante diverso, composto por distintos grupos étnico-culturais, com trajetórias históricas e condições sócio-econômicas muito heterogêneas. Predominantemente focados na produção agropecuária, em condições naturais adversas e pouco conhecidas, os agricultores desenvolveram sistemas de produção baseados no trabalho familiar e na fertilidade natural do solo. Seu desafio era de produzir a subsistência da família, acrescida de um excedente comercializável para efetuar o pagamento das dívidas contraídas com a compra da terra e demais meios de produção.

1.2 Os impactos da modernização da agropecuária

Passado o impulso inicial de desenvolvimento regional, em pouco tempo os sistemas de produção adotados pelos colonos, que combinavam práticas extrativistas desenvolvidas pelos índios e caboclos, com necessidades de produção muito mais intensivas, começaram a apresentar problemas. O esgotamento da fertilidade natural do solo implicou a diminuição da produtividade das culturas, combinado com a proliferação de doenças e pragas (formigas), inviabilizando a produção nas áreas mais atingidas. Dificuldades de acesso a novos mercados e acirramento da concorrência com o aumento dos fornecedores de produtos coloniais nos mercados tradicionais adicionaram problemas ao desenvolvimento regional (FRANTZ, 1980).

Em tais condições a região inseriu-se no processo de modernização da agricultura implementado em escala mundial desde os anos de 1940 e intensificado no Brasil nos anos de 1960-70. As profundas transformações na base técnico-produtiva, com o uso intensivo de máquinas, equipamentos e insumos químicos, nas configurações do mercado de produtos, com o surgimento das cooperativas, das agroindústrias e dos exportadores, nas formas de financiamento e integração de capitais, expressam-se em todo o planalto gaúcho através da expansão acelerada da tricultura ou do binômio trigo-soja.

Os impactos diretos e profundos no meio rural, transformando colonos em granjeiros, agricultores em empresários rurais e excluindo grande parte dos demais, atingiram também o meio urbano. A montante das atividades agropecuárias desenvolve-se um conjunto de empreendimentos fornecedores de máquinas, equipamentos, fertilizantes, agrotóxicos, crédito, assistência técnica e outros ingredientes para a produção. A jusante outro conjunto de agentes econômicos envolvidos com a comercialização, transporte, armazenagem, beneficiamento e industrialização da produção agropecuária (TRENNEPOHL, 1997).

As transformações na base econômica da região modificaram as condições de trabalho e renda de grandes contingentes populacionais que, liberados do trabalho no meio rural, buscam alternativas de emprego urbano, criando toda uma nova dinâmica, sobretudo no que diz respeito à população que apresenta características muito específicas.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Inicialmente, no período de ocupação e povoamento (até os anos de 1950-60), há um crescimento da população, especialmente a rural, intensificado pelo movimento de imigração dos colonos. A segunda fase estende-se até os anos 1980 e caracteriza-se pela redução do ritmo de crescimento da população e pela sua acelerada urbanização. A terceira fase compreende os últimos 20 anos, em que ocorre um decréscimo da população da região, fruto da intensa emigração de pessoas em busca de oportunidades de trabalho e renda.

2 Iniciativas e propostas em implementação na Região Sul do Brasil

Pesquisas realizadas em estudos já desenvolvidos, ligados ao Corede Noroeste Colonial e à Mesorregião local, e que tinham como objetivo propor atividades que pudessem promover o desenvolvimento regional demonstram que tais estudos se concentram muito mais em fazer diagnósticos da situação socioeconômica da Região do que propriamente apontar soluções de encaminhamentos que possibilitem um melhor desenvolvimento à mesma. No período compreendido entre os anos de 1994 e 2006, encontra-se em número superior a dez estudos, planos e propostas que convergem para o tema desenvolvimento regional.

A pauta deste trabalho, além do conhecimento dos mencionados acima é o "Rumos 2015 - Estudo sobre o Desenvolvimento Regional e Logística de Transportes no RS", realizado no ano de 2006, feito sob encomenda do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e que tinha como objetivo diagnosticar com mais precisão a situação do Estado, estabelecendo um referencial para reorganização regional.

O estudo referido acima trabalhou em cima de uma divisão do Estado gaúcho em nove regiões funcionais, a partir das divisões dos Coredes. Assim, o Corede Noroeste Colonial se uniu com o Corede Missões e com o Corede Fronteira Noroeste formando a região funcional 7. Esta união de três Coredes segue-se com uma homogeneidade na produção agrícola (apesar da região Missões ter características fundiárias diferentes), possui também uma forte cadeia de máquinas e equipamentos agrícolas, interações nas polarizações de empregos, viagens de transportes, na rede e hierarquia urbana, Universidades e centros de pesquisas, nos serviços de saúde, homogeneidade no grau de investimentos públicos e dependência de recursos externos, na renda baixa com pobreza estável ou aumentando, e no grau de médio a alto de potencialidades para uso agrícola.

A análise foi baseada em grupos, identificados como dinâmicos - compostos pelos municípios de maior desenvolvimento econômico, potencialidades acima da média estadual, e altos índices sociais em relação à média estadual; emergentes - formados por aqueles municípios com alto desenvolvimento econômico, potencialidades abaixo da média estadual, posição de risco em relação ao seu desenvolvimento, e baixos índices sociais; estáveis - constituído pelos municípios com desenvolvimento econômico aquém do potencial, regiões com distintas situações onde algumas possuem índices sociais altos e outras índices baixos; em transição - constituídos por aqueles municípios com potencial inferior à média do Estado, desenvolvimento abaixo da média estadual, mas acima do potencial esperado, e índices abaixo da média estadual; e os em dificuldades - compostos por municípios com baixo desenvolvimento econômico e baixo potencial, aliados a índices sociais abaixo da média estadual, sendo os que deverão requerer incentivos governamentais para se desenvolver.

Diante disso, o Corede Noroeste Colonial, foi apontado como sendo uma região em transição, pois seu potencial e condições sociais estão um pouco abaixo das médias estaduais.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Estas características apontam para a necessidade de dinamização de sua base agropecuária e industrial especializada, tornando-a acessível às outras regiões.

2.1 Estratégias de ação apontadas para o setor primário e o agronegócio regional

De um modo geral, todas as iniciativas realizadas tinham em comum o desenvolvimento das regiões de abrangência. Em todos os casos esteve presente a questão do desenvolvimento do setor rural, através da dinamização da agropecuária, por meio da agroindustrialização. Várias eram as idéias comuns, destacando-se a necessidade de se aumentar a renda da propriedade agrícola e nas regiões; reverter o quadro de degradação do meio ambiente e dos recursos naturais; e reforçar a economia regional e o conjunto das instituições que nela atuam. Os objetivos igualmente comuns eram frear e reverter a tendência regional de empobrecimento da região (com a falta de indústrias, fuga de capital, mudanças profundas na agricultura familiar, as necessidades tecnológicas e aumento do êxodo rural e da urbanização).

Para tanto, são avançadas as seguintes idéias, a título de oportunidades, potencialidades, e alternativas para superar a realidade citada: promover o desenvolvimento regional endógeno e sustentável; revitalizar a cultura empreendedora da região; apoiar a agricultura familiar, apoiar a manutenção, diversificação e expansão no território do parque industrial regional; estabelecer parcerias; e promover a competitividade da economia regional, à luz do Mercosul. Apesar disso, torna-se possível perceber que as propostas continuaram bastante vagas, não apresentando aspectos conclusivos no sentido de, economicamente, apontar quais de fato poderiam ser as alternativas que realmente trariam alguma contribuição ao desenvolvimento da região.

Assim, acompanhando outros autores², pode-se inferir que o século XX mostrou que o Estado pode induzir a interiorização do desenvolvimento, porém, a eficiência econômica desse tipo de ação não está provada, faltando evidências científicas de que o custo social dos incentivos à localização de atividades e de empresas seja inferior ao das migrações impulsionadas por aglomerações espontâneas. Neste sentido, se deve valorizar igualmente as iniciativas privadas regionais. Assim, para se disseminar alavancas da diversificação econômica, fundamentais para a dinamização da maioria das regiões rurais, como é caso do Noroeste Colonial, é evidente a necessidade de formas de cooperação, ditas horizontais, entre municípios vizinhos, entre empresas e agentes econômicos regionais.

Enfim, ficou evidenciado que é extremamente precária a construção de projetos de desenvolvimento regional no âmbito do Noroeste Colonial, particularmente os que privilegiem a viabilidade econômica dos empreendimentos.

3 Modelo teórico: a teoria da base de exportação

Para este estudo buscou-se uma construção teórica consagrada pela ciência regional na explicação de processos de desenvolvimento de longa duração e capaz de contribuir na identificação de causas ou de fatores críticos que promovem ou impedem o desenvolvimento econômico de determinada região. Além disso, seu uso na análise da região objeto, deverá

² Cf. VEIGA, J. E da. Potencial de cooperação e articulação no desenvolvimento rural. São Paulo : USP, Cadernos do CEAM, ano V, nº 23, janeiro 2006. pp. 221-278.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



possibilitar a identificação de possíveis ações de intervenção das políticas públicas e do planejamento estratégico e seus resultados potenciais. Tais características foram encontradas nas contribuições de Douglass North, especialmente, em dois textos que se tornaram referências centrais de suas proposições: "teoria da localização e crescimento econômico regional", publicado no *Journal of Political Economy*, em 1955, e "a agricultura no crescimento econômico regional", publicado no *Journal of Farm Economics*, em 1959³. Também conhecido como "Teoria da Base Exportadora", este modelo tem origem em diversas análises de experiências empíricas nos EUA e Canadá. O mesmo tinha como objetivo analisar o processo histórico de desenvolvimento e construir elementos de compreensão aos problemas atuais relacionados ao crescimento econômico. O modelo nasce como crítica aos argumentos da "Teoria dos Estágios de Desenvolvimento".

As teses de North foram desenvolvidas no contexto dos debates sobre o crescimento econômico regional dos Estados Unidos nos anos de 1950. Insatisfeito com as teorias hegemônicas da época, propôs-se a demonstrar suas inadequações e a apresentar elementos que poderiam "conduzir a uma teoria mais útil, tanto para a análise do desenvolvimento histórico da economia americana como para a compreensão dos problemas atuais, relacionados com o crescimento regional." (NORTH, 1955, p. 292).

O autor concentra suas críticas, fundamentalmente na tese defendida por diversos teóricos da época⁴ de que o curso do desenvolvimento econômico segue uma seqüência normal de estágios. A história econômica da maioria das regiões, também das nações, teria começado por uma fase de economia de subsistência, praticamente sem comércio nem especialização do trabalho. A evolução seguiria, invariavelmente, por incrementos na melhoria dos transportes, num comércio local, na criação de modestas indústrias domésticas, etc. Pressionadas pelo crescimento populacional as regiões seriam forçadas a se industrializar em escala considerável, até alcançar, por incrementos sucessivos, o estágio da especialização em atividades terciárias e produção para a exportação.

North entende que esta seqüência de estágios não corresponde ao processo real de desenvolvimento das diversas regiões dos Estados Unidos e, sobretudo, não fornece qualquer indicação sobre as causas do crescimento e da mudança. Também discorda da ênfase colocada na industrialização, como requisito para o desenvolvimento, considerando que o povoamento e o crescimento das regiões sofrem maior influência pelo mercado mundial, uma vez que a sua produção é voltada para a exportação.

Retoma brevemente a história econômica do Pacífico Noroeste que nunca apresentou economias de subsistência, pois, desde o início, tinha seus mercados localizados a grandes distâncias e que, portanto, fabricavam artigos exportáveis.

Portanto, desde o início de seu desenvolvimento sob a lógica do capital, as regiões procuram estabelecer sua base econômica no contexto de seu relacionamento com o mercado externo. A base de exportação contribui decisivamente para o aumento da renda global ou per capita da região, possibilitando o acesso mais amplo aos bens de consumo importados, mas o seu efeito mais importante está relacionado ao desenvolvimento de atividades correlatas.

³ Ambos os textos foram publicados no Brasil em: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

⁴ São citados explicitamente: LÖSCH, August ; HOOVER, E. M. & FISCHER.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Um conjunto de esforços despendidos tem por objetivo melhorar a capacidade de competir com outras regiões e manter suas vantagens comparativas através do progresso tecnológico e do aperfeiçoamento dos serviços de apoio. Tais esforços tendem a reforçar a dependência da região em relação aos seus produtos tradicionais de exportação, ao invés de promover uma diversificação na base exportadora.

Ao centrar sua análise sobre as causas do desenvolvimento regional North propõe a análise de uma questão central que se mantém polêmica até a atualidade: “a região precisa ou não se industrializar se quiser continuar a crescer”? Procura desmistificar as noções predominantes de que a industrialização é imprescindível e muito difícil de alcançar, portanto, se constituiria no principal obstáculo a ser superado pelo processo de desenvolvimento da maioria das regiões. Além de demonstrar que não há uma correlação muito expressiva entre o crescimento econômico e o grau de industrialização das regiões dos Estados Unidos o autor aponta para a existência de um impulso de industrialização oriundo das rendas geradas com a exportação de produtos primários. Insiste que a especialização e a divisão do trabalho constituem os determinantes fundamentais do desenvolvimento regional e de que a produção de bens para a exportação possibilita essa especialização.

Segundo o autor, não existe razão para determinar que todas as regiões devam se industrializar para continuar a crescer e, principalmente, que uma grande quantidade de indústrias e de serviços se desenvolverá como consequência da expansão dos produtos de exportação. Assim, se o crescimento regional está relacionado com o sucesso de sua base de exportação é necessário examinar mais detalhadamente a dinâmica desta base econômica. O declínio de um produto de exportação causará grandes dificuldades para a região se não houver um deslocamento de sua base de exportação para outros produtos cujo crescimento possa compensar a queda do primeiro.

Uma região pode mobilizar seu potencial de desenvolvimento tirando proveito do crescimento da demanda por seus produtos no mercado ou melhorando sua posição de custos em relação às regiões competidoras. É muito provável que nas regiões mais jovens o capital investido tenha origem externa, definindo o destino dos lucros do empreendimento também para fora. Em parte, esse fluxo pode se manter positivo enquanto for lucrativo reinvestir lucros e rendas na expansão dos negócios na região. Com o crescimento da poupança interna cresce a capacidade de investimento que poderá extrapolar a base exportadora tradicional e ampliar as demais atividades correlatas ou diversificar a pauta de exportações.

A ampliação e diversificação da base de exportação podem originar-se de indústrias locais, subsidiárias ou sem raízes, cujas condições de competitividade regional foram alteradas positivamente pela região. À medida que amadurece a região torna menos explícita sua base primária, pois sua produção torna-se bastante variada.

Entretanto, segundo North, a expansão de um setor de exportação é uma condição necessária, mas não suficiente, para o crescimento regional. Além de estudar os determinantes do crescimento do setor exportador da região é preciso examinar a disposição da renda recebida de fora da região. Causa perplexidade o diferencial de crescimento econômico entre distintas regiões com incremento de renda proveniente de seus setores exportadores.

Assim, no entendimento do autor, uma boa parte do desenvolvimento industrial ocorrerá, naturalmente, como uma consequência, das condições criadas a partir de uma base de exportação agrícola e, à medida que o mercado aumenta em tamanho, novas empresas surgirão, assim como capitais externos optarão por instalar unidades industriais na região.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Onde se observam as condições desfavoráveis, haverá lugar para uma política governamental efetiva destinada a modificá-las. A alteração do sistema de propriedade terra e a reorientação da despesa pública para pesquisa, tecnológica e educação, prenunciam retornos generosos. (NORTH, 1959, p. 341-2).

Conclusivamente, North reafirma sua tese central que:

Os problemas relevantes do desenvolvimento econômico regional [...] giram em torno da capacidade de uma região de se integrar nos grandes mercados mundiais, através das exportações e da resultante estrutura da economia regional, que influenciará sua capacidade para alcançar o crescimento sustentado e um padrão diversificado de atividade econômica. (NORTH, 1959, p.343).

Daí a importância das contribuições do autor para a reflexão sobre a problemática do projeto de pesquisa. Com base num claro entendimento sobre a dinâmica do desenvolvimento da região e seus determinantes centrais é possível elaborar sugestões de estratégias de desenvolvimento ligadas ao agronegócio para o COREDE Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul.

4 Atividades agropecuárias regionais e suas viabilidades

O modelo teórico exposto anteriormente permite identificar cinco grupos de atividades agropecuárias na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Em evidência está a atividade da sojicultura, caracterizando-se com a base exportadora principal. Na seqüência, estão as bases exportadoras secundárias, caracterizadas pela bovinocultura de leite e a suinocultura; após vêm as atividades subsidiárias, compostas pela avicultura, a triticultura, milho e gado de corte; seguidas pelas atividades alternativas hortigranjeiros, frutas e piscicultura; e por fim, as atividades complementares identificadas como sendo a de plantas medicinais.

4.1 A Base Exportadora Regional: o “complexo soja” como o elemento alavancador da economia regional

A soja, produzida comercialmente no Brasil a partir dos anos de 1960, assumiu, na década seguinte, um papel preponderante na chamada modernização da agricultura do Planalto e grande Noroeste gaúcho em geral e junto ao hoje conhecido Noroeste Colonial em particular. Sua produção, que inicialmente veio como complemento ao trigo e concorrente ao milho, transformou a economia da região de tal forma que passou a liderar a geração de renda local, sendo acompanhada pelo milho no verão, em segundo plano, e colocando a economia do trigo em posição extremamente secundária. Particularmente a partir de 1990, quando o cereal deixou de ser privilegiado pelas políticas comerciais e de apoio oficiais.

A grande diferença da soja para com as duas outras culturas está no fato de que a mesma sempre foi produzida visando, particularmente, o mercado externo. Ou seja, a economia regional encontrou num produto de exportação o seu elemento alavancador e de manutenção da geração de renda, crescimento e mesmo desenvolvimento. Tal processo dura até hoje (2007), embora passando por transformações importantes nestes seus mais de 40 anos de existência.

Como se poderá ver na seqüência, a atividade econômica em torno do chamado complexo soja (grão, farelo e óleo) deverá permanecer como elemento central do desenvolvimento da economia do Noroeste Colonial, embora exigindo, junto a boa parte dos



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



atuais produtores rurais, um complemento de renda que se origina em outras atividades, fato que consolida um processo mais diversificado de produção.

4.2 A montante da cadeia da soja encontra-se a indústria regional de máquinas e implementos agrícolas

O setor de máquinas e implementos agrícolas é um dos mais dinâmicos na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O mesmo representa aproximadamente R\$ 1,5 bilhão, gerando em torno de 10.000 empregos.

O Rio Grande do Sul ainda é o maior fabricante de máquinas agrícolas do país, com duas indústrias de colheitadeiras e três de tratores, instaladas no Estado, além das cerca de 70 empresas de implementos, que representam mais de 50% do volume comercializados pelo segmento. Com a agricultura extensiva, o eixo agrícola do Brasil mudou para o Paraná, Mato Grosso do Sul, região Central, Bahia, Rondônia e sul do Piauí, Maranhão e mesmo o Pará. Todavia, a tradição de mecanização ainda seja gaúcha. Assim, as fábricas produzem para atender demandas do Paraná, de São Paulo e do Centro-Oeste e Norte do país.

Na região Noroeste do Rio Grande do Sul⁵ o parque de máquinas se apresenta ainda muito antigo, defasado, sucateado, com tecnologia antiga. Principalmente devido ao fato de que nos últimos anos houve pouco crédito subsidiado para a renovação do mesmo, além de forte crise produtiva e alto endividamento em 2005 e 2006. Mesmo assim, a tendência de investimentos nos próximos anos deverá ser em máquinas maiores, com mais potência e produtividade, diminuindo o tempo de trabalho e otimizando custos.

4.3 A realidade regional no início do século XXI

A região Noroeste Colonial vem sofrendo modificações importantes na área do agronegócio. A principal delas está na diversificação das atividades, diminuindo a dependência para com a soja. Tal diversificação, no entanto, vem acompanhando os avanços tecnológicos existentes.

Desta forma, a região em estudo produziu 773.787 toneladas de soja em 2004 (último ano de safra normal), o que representou 13,8% do total gaúcho naquele ano. Assim, comprovando a fundamentação teórica exposta neste estudo, a base exportadora, representada pela soja na região Noroeste Colonial, se constitui no elemento alavancador da geração de renda e, por consequência, das condições de desenvolvimento regional.

A lógica do desenvolvimento regional passa pela consolidação da oleaginosa, associada a um forte sistema de diversificação modernizado, com agroindustrialização dentro das áreas viáveis. Considerando a característica fundiária regional e o potencial da soja, continua sendo mais interessante estimular a transformação do produto em farelo para ração e óleo para o consumo humano.

⁵ Englobando os municípios de Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Campina das Missões, Cândido Godoi, Doutor Maurício Cardoso, Horizontina, Independência, Novo Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi. Em média, o tamanho das propriedades está em 120 hectares (ha), sendo que a grande maioria está na faixa de 30 a 70 ha (somente no município de Independência existem propriedades em que predominam áreas acima de 150 ha - as quais são num número de 15).



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



4.4 As bases exportadoras secundárias da região Noroeste Colonial

Concomitante à base de exportação principal, a Região apresenta duas importantes bases exportadoras secundárias. As mesmas surgiram na lógica da diversificação produtiva regional e vêm ganhando espaço nos últimos anos. Trata-se do leite e da suinocultura!

4.4.1 Leite: um elemento central da geração de renda regional pela diversificação

A produção de leite no Brasil alcança cerca de 25 bilhões de litros neste início de 2007. O Rio Grande do Sul, tradicionalmente tem participado com 10% da produção nacional, ou seja, neste momento algo em torno de 2,5 bilhões de litros anuais. Fortes investimentos industriais, visando a transformação deste produto, estão sendo efetivados no Estado (indústria da Nestlé, em Palmeira das Missões; indústria da Embaré, em Sarandi; indústria da CCGL em Cruz Alta, ampliação da indústria da Elegê - Grupo Avipal em Ijuí, dentre outras), comprovando a importância econômica desta atividade no Estado.

Este produto, típico de pequenas propriedades, pela possibilidade de escala em pequenos espaços físicos, encaixa perfeitamente no perfil fundiário do Noroeste Colonial gaúcho. No entanto, de forma modernizada e eficiente, visando o mercado, inclusive de exportação, a produção regional teve início apenas em princípios dos anos de 1980, se consolidando pouco a pouco. Tal consolidação se deve ao fato do Brasil estar longe ainda da auto-suficiência em relação ao produto, além de já ter iniciado um processo importante de exportação de seus derivados.

Esta realidade comprova que o leite é uma atividade de diversificação importante no Noroeste gaúcho, gerando uma renda significativa, e que, para o incremento do desenvolvimento local, merece atenção especial no sentido de maiores e sempre melhores investimentos, desde a infra-estrutura junto aos produtores rurais e suas cooperativas, passando pela genética, até o equacionamento mais adequado dos custos de produção, aproveitando-se de que a região é forte produtora de soja e milho, além de outros cereais e pastagens.

4.4.2 Suinocultura: uma segunda alternativa importante de desenvolvimento regional pela diversificação

A atividade suinícola sempre foi importante na Região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). No início, voltada particularmente para o consumo próprio e a produção e exportação de banha. Posteriormente, com os novos hábitos alimentares, e o advento da soja, passou-se a dar ênfase ao suíno carne, sendo a banha de porco substituída pelo óleo de soja.

Especificamente em relação ao Noroeste Colonial o abate de suínos sob inspeção oficial atingiu a 483.139 cabeças em 2005. Dez anos antes, tal abate alcançava 238.511 cabeças. Assim, em 10 anos estes abates cresceram 102,5%, confirmando o aumento da importância da atividade na economia da região. Considerando o peso médio por animal e o preço médio registrado em 2005, o Noroeste Colonial, através da suinocultura, acabou gerando uma renda bruta de R\$ 109,7 milhões, fato que a coloca em igualdade de importância com o leite como alternativa geradora de renda para o desenvolvimento regional.

4.5 As atividades subsidiárias da Região Noroeste Colonial



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



O desenvolvimento destas atividades contribui para o aumento da competitividade do setor exportador, além de ampliar oportunidades de geração de emprego e renda, embora nem todas apresentem, por enquanto, um potencial técnico e econômico sustentável.

4.5.1 Avicultura: uma produção a ser mais bem incrementada no Noroeste Colonial Gaúcho

O Brasil se tornou um dos mais importantes países produtores e exportadores de carne de frango do mundo. Em 2006 as estimativas indicavam uma produção total ao redor de 9,4 milhões de toneladas, com uma disponibilidade interna de 36,4 quilos/habitante/ano. Deste total produzido, foram exportadas 2,6 milhões de toneladas do produto. Em relação à produção mundial, o Brasil participa com 15,6% do total. Já em relação ao comércio internacional, o país contribui com 40,2% do total mundial exportado. Em 1995 o Brasil produzia 4 milhões de toneladas, exportava 429.000 toneladas e a disponibilidade interna era de 23,3 quilos. Isto significa dizer que no período de 11 anos a produção cresceu 135%, as exportações aumentaram em 506%, enquanto a disponibilidade interna foi incrementada em 56%. Tais números oferecem uma clara idéia da importância que a atividade avícola ganhou no país.

Assim como no caso da suinocultura, igualmente a produção de frango está sobretudo concentrada nos três Estados do Sul do país. Por ser uma atividade que oferece escala de produção em pequenos espaços físicos, a sua implantação se torna viável junto aos pequenos e médios produtores rurais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, muito embora a produção em escala maior já se desenvolva em outros Estados da Federação.

Particularmente o Rio Grande do Sul, do total produzido em carne de frango, em 2006, comercializou 16,8% no próprio Estado; 9,6% foram vendidos a outros Estados da Federação e 73,6% foram exportados a outros países (cf. Asgav). Ou seja, a produção está preferencialmente voltada e dependente do mercado externo.

Entretanto, a produção gaúcha está muito concentrada na Serra e no Vale do Taquari. Ou seja, a produção de frango, visando o comércio nacional e internacional, é pequena no Noroeste Colonial. Praticamente não há agroindústria deste setor na região e a produção ocorre particularmente para o consumo familiar e pequenas vendas em feiras livres municipais. Assim, embora haja um potencial de produção a ser conquistado no Noroeste Colonial, tal iniciativa está longe de parecer acessível e rentável aos produtores locais, haja vista as condições climáticas da região, assim como as condições de infra-estrutura existentes. Das possibilidades de diversificação existentes, esta parece uma das mais difíceis para a região principalmente se em termos de produção com escala, em torno de projetos integrados viáveis.

4.5.2 Trigo: uma atividade relativamente estagnada

O trigo foi pioneiro no processo de modernização da agricultura regional. Todavia, sua produção sempre foi sustentada pelo Estado, através de políticas de apoio, tanto com subsídios à produção quanto na compra estatal do cereal. Neste sentido, a região exportou trigo para outras áreas do país, já que o Brasil raramente foi auto-suficiente em trigo.

O Rio Grande do Sul é o principal produtor nacional de trigo ainda hoje. Juntamente com o Paraná os dois Estados fornecem mais de 90% da produção brasileira do cereal. A região do grande Noroeste gaúcho representa entre 60% e 70% da produção do Estado.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



A manutenção da produção de trigo, mesmo diante das dificuldades comerciais, se justifica pela renda complementar à soja, além da diluição dos custos de produção com a oleaginosa, na medida em que as duas atividades têm processos produtivos semelhantes, com o mesmo uso de máquinas, implementos, adubos, transporte e estocagem, sobre a mesma terra em períodos do ano diferentes. Afora isto, a triticultura gera uma renda que particularmente se mantém na região de produção, servindo para sustentar gastos imediatos da propriedade e da família dos produtores rurais entre uma safra e outra de soja.

4.5.3 Milho: uma atividade essencial para viabilizar a diversificação do Noroeste Colonial

A cultura do milho está praticamente na mesma linha de importância que a soja para a região Noroeste Colonial. Embora não gere diretamente o mesmo nível de renda, indiretamente é ela que viabiliza a produção de leite, suínos e mesmo gado de corte, quando confinado, assim como de outras atividades mais pontuais como a produção de frango e outros animais. Nestas condições, o milho se torna uma atividade essencial para a região em questão, assim como para o Estado e o país.

A produção brasileira vem crescendo nos últimos anos, puxada pela demanda interna. Em 1998/99 a mesma alcançava 32,4 milhões de toneladas. Assim, em nove anos o crescimento foi de praticamente 30%. Isto se deu graças ao aumento na produtividade média, já que a área semeada cresceu bem menos no período, tendo mesmo recuado em 2006/07. Assim, a mesma passou de 12,5 milhões de hectares em 1998/99 para 13,2 milhões em 2002/03, recuando para 10,9 milhões de hectares em 2006/07.

O Rio Grande do Sul planta cerca de 1,2 milhão de hectares com milho, obtendo uma produtividade média ao redor de 4.000 quilos/hectare ou 66,7 sacos de 60 quilos por hectare. Ainda é uma produtividade baixa em relação ao potencial existente e ao que os principais produtores do mundo atingem (os EUA chegam ao redor de 8.700 quilos/hectare e a União Européia, em algumas regiões, bate próximo dos 10.000 quilos/hectare).

Na região Noroeste Colonial, a produção de milho em 2004 chegou a 194.127 toneladas. Aos valores médios da época, a renda regional bruta obtida com a produção de milho atingiu a R\$ 59,08 milhões.

Desta maneira, mesmo competindo com a soja pela área a ser plantada, já que as duas são culturas de verão, o milho assume uma posição de destaque no Estado gaúcho em geral e no Noroeste Colonial em particular. Todavia, o cereal ainda se comporta como uma atividade subsidiária, pois seu plantio depende diretamente do comportamento do mercado do leite (produto para silagem), do mercado suinícola e da própria soja. Ou seja, em os preços estando atrativos para as duas primeiras atividades a tendência será de uma maior demanda de milho, fato que eleva seu preço regionalmente, levando o produtor a semeá-lo em maior proporção.

4.5.4 Gado de corte: uma atividade de expressão moderada e instável

O Brasil, nos últimos anos, se tornou o maior exportador de carne bovina do mundo. O rebanho brasileiro, em 2006, estava estimado em 164,9 milhões de cabeças, sendo que a Região Sul contribuía com 21,1 milhões deste total ou 12,8% do total nacional. No contexto desta Região, o Rio Grande do Sul participa com 11,4 milhões de cabeças ou 54% do total existente na Região Sul e 6,9% do total nacional.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



Na Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, a criação de gado bovino para corte ocorre particularmente no inverno, como uma alternativa de renda que geralmente substitui ao trigo. Desta forma, nota-se que, assim como o trigo, a atividade bovina é complementar na geração de renda na Região. O rebanho total de bovinos atualmente é de 303.000 cabeças (incluindo vacas leiteiras, que representam 89,1% deste total). Os abates em abatedouros sob inspeção estadual, no ano de 2006, totalizaram cerca de 14.000 cabeças. Considerando-se o peso médio de abate ao redor de 450 quilos por animal vivo, e o preço médio do quilo/vivo de R\$ 2,10, a renda bruta regional com esta atividade chegaria a R\$ 13,2 milhões. Este valor certamente é mais elevado, todavia não se tem informações a respeito dos abates clandestinos e dos abates realizados em matadouros municipais.

4.6 Atividades alternativas para as pequenas propriedades regionais

A região do COREDE Noroeste Colonial conta com inúmeras alternativas de produção primária que podem viabilizar maior geração de renda e desenvolvimento regional, tipicamente caracterizadas como aquelas atividades voltadas a atender o consumo local ou doméstico da região, são atividades cuja lógica econômica é de substituição de importações, procurando produzir na região aqueles bens e serviços demandados pela população local ao invés de simplesmente importá-los. Algumas já estão implantadas, necessitando de maior estímulo para avançarem, outras podem ser implantadas. Dentre as principais, destacam-se:

4.6.1 Hortigranjeiros e frutas

Esta produção viabilizaria um conjunto importante de produtores na região, já que 80% do consumo de hortigranjeiros e frutas se dão com produto importado de outras regiões do Estado (Veranópolis, Caxias do Sul e CEASA Porto Alegre) e país (CEAGESP de São Paulo). Assim, se estaria criando uma situação de substituição de importações parcial para a região, porém, jamais definitiva, pois a região será sempre importadora de uma série de produtos desta natureza, já que não é viável produzi-los localmente em função de um custo de produção muito elevado.

Entretanto, as atividades possíveis exigem um forte planejamento da produção. Muitos produtores rurais, em função disto, não conseguem se adequar e até mesmo se viabilizar com as atividades. Além disso, por ter ciclo produtivo mais curto, muitas estão expostas e sujeitas às questões climáticas, com reflexos imediatos nos preços, com picos de elevação e de queda, fato que faz com que haja muita desistência dos produtores para com a atividade, ocasionando enormes instabilidades na oferta.

Na área da horticultura, as propriedades somente encontram vantagem em se lançar na sua produção caso tenham mão-de-obra familiar disponível (esse tipo de atividade é muito mais dependente de mão-de-obra do que de capital). Na estrutura atual de custos, preços e leis trabalhistas, a contratação de mão-de-obra não se mostra interessante. Particularmente porque o retorno não é tão elevado como se imagina. Dito isto, a maior viabilidade técnica estaria na produção das folhosas (alface, rúcula e temperos), pois as mesmas sofrem muitas perdas no transporte.

Na área da fruticultura o raciocínio não é muito diferente, sendo necessários investimentos em culturas que tenham potencial produtivo na região. Neste sentido, a produção de frutas tropicais, como o abacaxi, pode se viabilizar na costa do rio Uruguai. Já a produção de citrus, em especial a laranja, deve ser desenvolvida em áreas maiores, pois exige



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



maior escala. Sobretudo se as frutas forem direcionadas à fabricação de suco. Dito isto, o maior potencial produtivo regional se direciona para a produção de frutas de mesa, ou seja, para a venda do produto in natura, caso da uva. Outra fruta viável é o morango, que tem nos meses de julho a outubro uma demanda interessante, podendo inclusive ser exportado.

Todavia, a região ainda carece de um projeto conjunto que permita a industrialização destes produtos. Seria conveniente reunir em um pólo único, provavelmente no município de Santo Augusto (geograficamente centralizado na região) um pólo agroindustrial que venha a processar estes produtos alternativos, agregando valor aos produtos in natura e gerando maior crescimento econômico regional.

4.6.2 Piscicultura

Atualmente, a produção de peixes na Região Noroeste Colonial está em 700 toneladas/ano. Desenvolvida em nível comercial a atividade concentra-se junto aos pequenos produtores (embora existam algumas exceções) e utiliza-se de mão-de-obra familiar, a maior parte destes produtores reside em municípios que fazem parte de uma bacia hidrográfica, como é o caso de Santo Augusto, Barra do Guarita, Nova Ramada e Ajuricaba (estes dois representam 45% do total produzido na Região).

O mercado consumidor é amplo, interestadual e local. O estado de São Paulo compra 80% da produção local de peixe, porém, sua capacidade de absorção poderia chegar a 100% da produção local. Isso não é possível devido ao fato de que o sistema de criação exige uma proporção de animais de diferentes espécies, num sistema de "consorciação". Demonstrando que existe espaço de mercado que ainda pode ser ocupado. Os restantes 20% da produção os produtores alocam no mercado regional local, vendendo para cooperativas locais, feiras municipais e pesque-pague.

Entretanto, a produção de peixe somente é viável em propriedades que já tenham açudes prontos. Para as novas iniciativas, existem alguns entraves, como é o caso do licenciamento da FEPAN (existem pedidos encaminhados há cerca de sete anos que ainda não foram liberados), com isso, as linhas de financiamentos existentes não podem ser utilizadas pelos produtores. Estes por sua vez, não dispõem de recursos para a implementação da atividade, já que esta tem um custo elevado.

Outra facilidade é a possibilidade de aproveitamento de infra-estrutura disponível em propriedades que trabalham com irrigação, muitos agricultores estão diversificando as suas atividades inserindo a criação de peixes na propriedade já que os tanques de depósito de água para a irrigação podem se ocupados para a produção de peixes. A atividade inicialmente foi implementada como uma experiência, porém, diante da obtenção de lucros consideravelmente mais elevados em relação à plantação de soja, ela foi ganhando maior espaço nas propriedades.

4.7 Atividades complementares desenvolvidas na Região Noroeste Colonial

Neste contexto, uma atividade se destaca e merece atenção especial neste trabalho: trata-se da produção de plantas medicinais e outras destinadas à produção de óleos essenciais. Voltada particularmente à pequena propriedade rural, tal atividade privilegia a produção de um produto de altíssimo valor agregado, mercado crescente e exigente, para a qual a Região ainda precisa dar maior atenção.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



4.7.1 Produção de plantas medicinais e outras destinadas à produção de óleos essenciais⁶

O Pólo Oleoquímico implantado através de parceria entre a Secretaria de Ciência e Tecnologia do RS, Unijuí e Prefeitura Municipal Três Passos tem por objetivo a organização da cadeia produtiva de plantas aromáticas, condimentares e medicinais. O conhecimento do mercado tem sido o desafio para a concretização de programas de produção, considerando a reduzida disponibilidade e monopólio da informação sobre produção, demandas e comercialização.

Considerando os maiores mercados no mundo, em primeiro lugar, está a Alemanha, que tem importado em média, nos últimos anos, US\$ 400 milhões em óleos essenciais; 4.000 toneladas de plantas aromáticas e 25.000 toneladas em plantas medicinais, sendo US\$ 4,5 milhões em importação de chá de camomila da Argentina. O segundo maior importador é a França (principalmente no ramo de perfumaria) comprando em média, 3.000 toneladas de plantas aromáticas com tecnologia para comercialização de plantas medicinais congeladas.

O mercado brasileiro teve um crescimento de 124% nas exportações, envolvendo US\$ 61,3 milhões e 38.000 toneladas de óleos essenciais, com crescimento de 57,8%, sendo constituído basicamente de óleos essenciais de citrus. O crescimento do mercado no Brasil se dá em função da procura de óleos essenciais de plantas nativas e de produção orgânica. Em 2004, a indústria brasileira de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos movimentou R\$ 13 bilhões neste importante segmento industrial.

A comercialização de plantas medicinais sob a forma de chás também é um mercado interessante, tendo em vista que grandes quantidades consumidas no Brasil são importadas. O sene por exemplo, que é um dos produtos mais consumidos no país, é totalmente importado da Índia. Outros produtos como camomila, erva doce, funcho são importados do Egito, Síria, e Turquia. Já o boldo é totalmente importado do Chile.

O mercado de especiarias (temperos secos) também é abastecido com produtos importados. O mercado mundial movimentou US\$ 15 bilhões e o Brasil gastou US\$ 14 milhões na importação de especiarias em 1999. O consumo de temperos secos no Brasil é significativo: cominho (300 toneladas/mês); orégano (150 toneladas/mês) e coentro (70 toneladas/mês). O orégano é importado do Peru e Chile.

Pode-se concluir, portanto, que existe mercado para a produção de óleos essenciais, plantas medicinais e especiarias, entretanto esse mercado é altamente seletivo, exigindo qualidade (produto orgânico), volume de produção e constância no fornecimento. Esta atividade é recente na região, podendo se constituir em fonte de renda importante, sobretudo junto às pequenas propriedades rurais, na medida em que o fomento desenvolvido pelo Pólo Oleoquímico começar a dar seus frutos.

5 Considerações finais e recomendações

O objetivo central deste trabalho era apontar alternativas de desenvolvimento para o agronegócio da Região Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul. Para tanto, buscou-se realizar um levantamento da evolução histórica da região, através de sua ocupação territorial,

⁶ Cf. Luiz Volnei Viau. Eng. Agr. Pesquisador e Coordenador do Pólo Oleoquímico-UNIJUI - Campus Três Passos – RS. e-mail: viaulv@unijui.tche.br



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



população e o processo de modernização de seu setor primário. Igualmente, verificou-se os recentes estudos desenvolvidos pelas diferentes instâncias públicas e privadas ligadas ao Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial. A partir deste diagnóstico, passou-se a apresentar a base teórica que fundamentou os resultados e recomendações que ora se apresenta nestas considerações finais. Esta base teórica, centrada no modelo conhecido como “teoria da base exportadora”, do economista Douglass North, permitiu organizar a estrutura do agronegócio regional assim como as recomendações aqui apresentadas.

Em primeiro lugar, a trajetória de ocupação da região indica que o Noroeste gaúcho foi o último espaço a ser ocupado com a população que define suas características atuais. Os colonos que nela se estabeleceram tinham diferentes origens européias, destacando-se os alemães, italianos, poloneses, austríacos, russos, holandeses e suecos. A atividade econômica principal, até meados do século XX, se deu em cima da agricultura de subsistência, onde o desafio maior era abrir clareiras produtivas na mata cerrada. Em termos fundiários, as propriedades rapidamente se consolidaram como de pequenas e médias extensões. A partir dos anos de 1950, a região se transforma em berço da modernização agrícola implantada pelo país. Grandes culturas, como o trigo e a soja, substituem as atividades de subsistência, transformando os então colonos em empresários rurais produtores de grãos para o comércio nacional e internacional. A diversificação produtiva diminui e as propriedades rurais passam por um período de adaptação, onde muitos produtores de outrora deram lugar àqueles que conseguiam se adaptar ao novo sistema produtivo, calcado nos empréstimos subsidiados do Estado. Um forte êxodo rural se cristalizou, o qual acelerou a urbanização das então pequenas cidades. Inicialmente, a lógica inovadora da industrialização urbana absorveu boa parte desta nova mão-de-obra que se disponibilizava. Todavia, este processo, aos poucos, foi se esgotando a ponto da Região buscar integrar, com a produção de grãos, uma nova lógica de diversificação, porém, mantendo as características modernizadoras das diferentes atividades implementadas. Neste contexto, o grande desafio passa a ser a constituição de um sistema produtivo primário, na lógica do novo conceito de agronegócio cunhada mundialmente a partir do final dos anos de 1950, que continue a gerar um crescimento econômico e, particularmente, melhore as condições de desenvolvimento do setor e da Região.

Em segundo lugar, este desafio começou a ser enfrentado com maior densidade a partir do início dos anos de 1990, momento em que o Estado deixa quase que definitivamente de subsidiar as grandes culturas que originaram a modernização agrícola regional e, ao mesmo tempo, reduz os financiamentos ao conjunto do agronegócio nacional. Os trabalhos e estudos do Conselho Regional de Desenvolvimento do Noroeste Colonial, alicerçados por outras pesquisas públicas e privadas, assumem uma importância considerável nesta estratégia de reação aos novos tempos. Um grande número de diagnósticos foi apresentado sobre a situação regional, sendo que boa parte indicava, como saída promissora, dentre outras, a ampliação da renda local via a agregação de valor à produção primária através de sua industrialização e ampliação dos mercados. Ao mesmo tempo, a preservação e recuperação ambiental assumem um papel relevante no debate e nas ações que passam a ser indicadas como alternativas para vencer os desafios surgidos.

É neste contexto que a Região ingressa no século XXI. Nele, a necessidade de propostas ainda mais concretas de desenvolvimento para o seu agronegócio se cristaliza. Visando responder a esta demanda, desenvolveu-se este trabalho. O mesmo parte da base teórica citada porque julgou-se adequada à realidade encontrada. Obviamente, existem



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



diversas possibilidades de análise. Ou seja, esta aqui apresentada não é única e está sujeita a ajustes. Tanto isto é verdade que algumas lacunas ou questões sem respostas ainda pairam ao final deste trabalho, porém, a mesma consegue dar um bom direcionamento ao que se considera estratégias de ação para um melhor e maior desenvolvimento do Noroeste Colonial gaúcho.

Efetivamente, a Região em questão tem uma evidente base exportadora, concentrada no produto soja e seus derivados, a qual alavanca a economia local. A tal ponto que esta oleaginosa participa com 63,5% da renda bruta regional de R\$ 787,78 milhões, considerando as principais atividades agropecuárias ali desenvolvidas.

Por sua vez foram identificadas, como bases exportadoras secundárias, outras três atividades importantes. A de máquinas e implementos agrícolas, ligada ao desenvolvimento da soja particularmente, tendo no milho, trigo, outros grãos e leite demandas complementares. Além disso, materiais de irrigação vêm abrindo um novo e importante espaço na região, particularmente direcionados à cultura do milho. O leite igualmente se consolida como base exportadora secundária, assim como a atividade suinícola. Nos dois casos, fruto de importante diversificação regional, com uma clara tendência de crescimento e profissionalização da produção. A grande vantagem destas duas atividades é que a maior parte da renda gerada fica em circulação na própria região, contrariamente à renda gerada pela soja e pelas máquinas e implementos agrícolas. Paralelamente, a região não demonstra grandes possibilidades de desenvolver a avicultura como base exportadora secundária, embora existam algumas tentativas localizadas, inclusive com a instalação de abatedouros de aves, caso dos municípios de Redentora/Miraguaí (situados ao Norte da Região).

Merece ainda destaque duas outras atividades, na área da produção de grãos desta vez, que igualmente vêm se somar a estas bases exportadoras secundárias. Uma, a aveia branca, como um processo recente de implantação mais aguda. Outra, o trigo, como uma atividade tradicional, que perdeu certo espaço no cenário econômico estadual e regional, porém, continua presente na geração de renda local. No caso da aveia branca, a mesma deve se direcionar à produção de grãos, tendo um mercado forte diante de uma oferta insuficiente, particularmente visando o abastecimento de agroindústrias. Já o trigo se apresenta hoje como uma atividade relativamente marginal, enfrentando problemas de armazenagem, diante do forte aumento das culturas de verão. Tal atividade, para voltar a crescer regionalmente, depende de uma política estatal de incentivo, inexistente no país desde 1990. Todavia, para os produtores rurais ela continua sendo diluidora de custos da soja, fato que a torna ainda essencial. Além disso, a renda por ela gerada fica geralmente na região.

A pesquisa identificou igualmente atividades subsidiárias, considerando a lógica teórica utilizada. Dentre elas, se destaca o milho o qual depende, para se desenvolver, do avanço da produção de leite, na medida em que a necessidade de silagem de milho é grande, e do crescimento na produção de suínos. No Corede Noroeste Colonial raramente o destino direto do milho ao mercado é compensador. A tendência desta atividade é de avançar, na esteira da busca de alternativas para combustíveis vegetais no mundo, assim como devido ao crescimento da prática da irrigação e a liberação do produto transgênico.

O gado de corte é igualmente uma atividade subsidiária que ganha impulso na região. É uma atividade de inverno, que vem complementar o trigo e não substituí-lo, na medida em que o Noroeste Colonial, nos últimos anos, usa apenas 30% de sua área de verão para semear



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



o trigo. Entretanto, a pecuária de corte na região ainda é uma atividade instável, que merece maior atenção no sentido de organização de sua cadeia produtiva.

Junto a estas duas atividades subsidiárias, encontram-se mais recentemente duas outras. A produção de canola e girassol. São atividades de inverno/primavera, que substituem o trigo e, no caso da canola, tem a vantagem de limpar a área de pasto. Todavia a produção regional ainda é pequena e tende a encontrar dificuldades para crescer. O seu futuro está ligado à produção de óleo comestível e não para a fabricação de biocombustível já que não há escala de produção suficiente na região, além das terras ocupadas com estas oleaginosas serem muito caras. No caso do girassol, a região ainda enfrenta o forte ataque dos pássaros sobre as lavouras. Isto exige que o mínimo a ser cultivado, para ser rentável, fique ao redor de 10 hectares, fato que não favorece a uma grande parte dos produtores locais. Por enquanto, são culturas novas que ainda estão longe da consolidação como geradoras de renda de forma sustentável no tempo.

A região estudada desenvolve ainda três atividades alternativas igualmente importantes. A primeira delas é a produção de hortigranjeiros. Trata-se de um mercado crescente, sendo viável para a pequena propriedade e que merece ser ainda mais incrementado. Todavia a sua estrutura é ainda insuficiente, pois tal produção não substitui todas as importações regionais e dificilmente o fará. Isto porque não há condições climáticas e de estrutura de produção organizada suficientemente para se alcançar a auto-suficiência regional. A segunda atividade alternativa é a produção de frutas. Também neste setor, apenas algumas frutas se viabilizam regionalmente. A maioria delas para o consumo direto, como “produção de mesa”. Trata-se do abacaxi, nos municípios junto ao rio Uruguai, onde um micro-clima privilegia a atividade; da melancia, do melão e do moranguinho. A uva tem um potencial importante, porém, ainda está longe de suprir a demanda local. Enfim, a produção de laranja é importante, todavia voltada à produção de suco, com transformação em outras regiões do Estado. Esta atividade, com esta finalidade, requer escala de produção (áreas maiores) para ser viável. A terceira atividade é a piscicultura. A mesma se desenvolveu fortemente em alguns municípios do Noroeste Colonial, particularmente Ajuricaba. É uma atividade viável economicamente, encontrando um mercado importante, porém, 80% do mesmo estão no exterior da região. Boa parte dele demandando peixes vivos para os sistemas de lazer conhecidos como “pesque e pague”. Não existem condições suficientes para a instalação de indústrias de transformação deste peixe na região, no sentido de sua viabilidade econômica. Tanto é verdade que os projetos neste sentido, instalados em Panambi e Ajuricaba, fracassaram. Ou seja, a atividade é interessante, porém, limitada no que diz respeito aos seus avanços, particularmente porque inúmeros entraves ambientais impedem a implantação de novos projetos. Alguns deles chegam estar há sete anos em processo de análise, sem resposta.

Por fim, como atividades complementares na renda e o desenvolvimento regional a produção de plantas medicinais e aromáticas é algo novo e de grande valor agregado. A mesma tem enorme potencial, inclusive com uma pequena indústria se instalando na região, a partir do Pólo Oleoquímico mantido pela UNIJUI em Três Passos. A atividade pode facilmente se viabilizar junto às pequenas propriedades rurais. Já o reflorestamento e florestamento podem ser viáveis, porém, apenas no longo prazo e, assim mesmo, em áreas devolutas visando o abastecimento em madeira para móveis e para combustão em caldeiras. O procedimento de arrendar terras para grandes empresas do setor, característica que vem se



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



consolidando em parte da Metade Sul do Estado, para o Noroeste Colonial é uma alternativa de pouco fôlego, não se viabilizando no longo prazo, pois a tendência das empresas é de adquirirem as terras e não mantê-las arrendadas. Além disso, é igualmente uma atividade que exige escala, além de maturar em prazo bastante longo. Quanto à produção de oleaginosas, visando a produção de biocombustível, pela característica fundiária da região estudada, não parece encontrar um futuro promissor. Não há escala suficiente em termos de terra e produtividade, as terras são caras para produzir grãos visando a combustão, e tecnicamente o teor de óleo gerado, particularmente com a soja, é muito baixo, exigindo um volume considerável para viabilizar as possíveis indústrias que venham a se instalar na região buscando a geração deste tipo de combustível vegetal.

Enfim, três proposições de encaminhamento, na lógica de alternativas estratégicas visando o desenvolvimento do agronegócio regional, nestes novos tempos econômicos, mundial e nacional, ainda podem ser enumeradas.

Em primeiro lugar, a Região deve diversificar a sua base exportadora, sem eliminar a base existente. Isto significa fomentar investimentos em atividades com potencial de competitividade em mercados crescentes para a região, caso da suinocultura e da produção de leite e sua transformação. Paralelamente, a Região deve prospectar novos produtos e mercados, alguns deles destacados nas atividades subsidiárias e complementares apontadas neste trabalho.

Em segundo lugar, a Região deve igualmente aprofundar a integração de seus sistemas produtivos, com destaque às atividades subsidiárias como é o caso do milho e do gado de corte, as quais vêm ganhando cada vez mais destaque no cenário mundial e nacional. Isto requer o desenvolvimento de indústrias domésticas que tragam redução de custos e ociosidade de recursos, assim como melhor utilizem as estruturas de produção e comercialização existentes e a serem implementadas.

Enfim, a Região deve investir igualmente em sistemas produtivos inovadores, que tenham viabilidade técnica e econômica conforme as características locais de produção e comercialização. Isto significa aperfeiçoar a capacidade de prospectar novos mercados, novos produtos, novas fontes de recursos, novos métodos de produção e novos modelos de gestão e comercialização. Dentre estas inovações, o trabalho destaca o potencial das plantas medicinais e óleos essenciais, alguns tipos de hortigranjeiros e frutas, e a própria piscicultura.

Assim, as sugestões para o desenvolvimento do agronegócio do Corede Noroeste Colonial caminham na direção de consolidar a estrutura produtiva existente, guardando suas características de diversificação, sem modismos que possam comprometer a geração de renda local. O trabalho que aqui se encerra deixa em aberto um tema relevante, na lógica de estabelecer melhores e maiores estratégias de desenvolvimento regional, e que deve ser explorado em futuras pesquisas. Trata-se de identificar em detalhes quanto da renda gerada em cada atividade fica na região estudada e a que fins ela se destina.

6 Referências

FRANTZ, Telmo R. **As granjas de trigo e soja: gênese e evolução de um grupo de agricultores no planalto do Rio grande do Sul - Brasil.** Paris: Universidade de Paris I - Sorbonne, 1980. Tese de Terceiro Ciclo.



SOBER

XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia,
Administração e Sociologia Rural



- LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio grande do Sul**. 5ª ed. Ver. e atualizada. Porto Alegre: Sulina, 1986. 112p.
- NORTH, D. C. **Location theory and regional economic growth**. Journal of Political Economy, Chicago, Ill., US: University of Chicago Press, n. 43, p. 291, jun 1955. (versão em português em SCHWARTZMAN, 1977).
- NORTH, D. C. **Agriculture in regional economic growth**. Journal of Farm Economics, Lancaster, Pa., US: American Farm Economic Association, v.4, n.5, p. 333, dec 1959. (versão em português em SCHWARTZMAN, 1977).
- PAIVA, C. A. **Como identificar e mobilizar o potencial de desenvolvimento endógeno de uma região?** Porto Alegre: FEE, 2004. 140 p.: tab. (Documentos FEE; n. 59).
- PAIVA, C. A. **Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas**. FEE/UNISC, abril de 2006. 7 p.
- SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.
- TRENNEPOHL, Dilson. **O processo de desenvolvimento recente da agropecuária gaúcha**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1997. 168p. Dissertação de Mestrado.
- VEIGA, José Eli da. **Potencial de cooperação e articulação no desenvolvimento rural**. São Paulo: USP, Cadernos do CEAM, ano V, nº 23, janeiro 2006. pp. 221-278
- ZARTH, Paulo. **História agrária do Planalto Gaúcho 1850 - 1920**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1997. 208p. Coleção Ciências Sociais.